ANNO I — S. João d'El-Rei, 27 de Setembro de 1885 — N. 2



# O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno ........ 6$000
Semestre ..... 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FÓRA
Anno ...... 6$000

Escriptorio e officinas — Rua do Duque de Caxias, 54

## SUMMARIO



## EXPEDIENTE

São correspondentes [illegible]: —Em Ouro-Preto, Alfredo Guerrieri; na Victoria, Antonio Joaquim Rodrigues Junior; no Rio-Novo, Candido Virgilio de Albuquerque; com os quaes poderão se entender os nossos assignantes d'essas cidades.

## O DOMINGO

S. João d'El-Rei, 27 de Setembro de 1885.

Não nos enganavamos quando cheios de animadora confiança publicamos *O Domingo*, appellando para os espiritos esclarecidos, para as intelligencias cultas, para os nobres caracteres, que o não haviam de repudiar depois de conhecer os intuitos louvaveis e despretenciosos de seus obscuros redactores.

O nosso primeiro numero foi recebido com benevolencia extrêma; obteve uma acceitação superior a que tinhamos previsto e isto nos concita a proseguir com enthusiasmo na carreira encetada, e nos obriga a empregar maiores esforços no sentido de manter e honrar as sympathias com que nos distinguiram os generosos filhos desta terra.

O numero dos nossos assignantes augmentou sensivelmente e outras demonstrações recebemos de uma bôa vontade geral, que nos encheram de jubilo e de reconhecimento.

Este proceder dos São Joanenses hade robustecer-nos o animo na pugna renhida, que temos de sustentar com os inimigos da luz . . .

Sentimo-nos bastante alentados pelo favor publico e esta circumstancia nos proporcionará meios de aperfeiçoar o nosso programma porque o caminhar desassombrado é que dá lugar a um fortalecimento necessario ao progresso das iniciativas.

## 28 de Setembro

Amanhã é a data gloriosa do anniversario da lei que figura como brilhante pagina no livro dos altos feitos politicos deste paiz.

Mais do que o dia 7 desperta o dia 28 de Setembro as nossas saudações enthusiasticas, as nossas mais vivas congratulações.

Aquelle relembra o brado de uma independencia—que não trazia ainda comsigo a ambicionada liberdade; este traduz a primeira victoria de uma nobre aspiração nacional e a prova eloquente da grande generosidade do coração brasileiro, cujos sentimentos, interpretados pelo valente e patriotico estadista Visconde do Rio Branco, fizeram vingar uma lei imposta pelas mais sublimes determinações da Fraternidade.

O dia 7—entristece, por que elle faz meditar na inutilidade da exclamação de Pedro I, que só desejava a independencia . . . do throno e a morte . . . da autonomia popular; o dia 28 de Setembro — desperta expansões alegres de um intimo e inefavel contentamento — porque marca o anniversario de uma decisão, que ia restituir a liberdade ás novas gerações de uma raça inditosa, que iniciava — no unico paiz da America onde se estende a macula infamante do captiveiro — a obra sagrada da Redempção, cujo advento, tardio embora, ainda hade trazer glorias e bençãos, prosperidade e engrandecimento para o Brasil, que tem sido berço de tantos verdadeiros apostolos da liberdade.

Recordando esta brilhante data, *O Domingo* rende todas as homenagens á memoria do eloquente tribuno, do adiantado estadista, do grande coração generoso, do patriota convicto e desinteressado, de José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco, em cujo tumulo a patria ainda hoje se debruça, pranteando saudosa a perda de tão illustre filho, e cujo nome ainda perpassa, como sagrada palavra de uma prece consoladora, nos labios dessa porção enorme de mãis escravas, que já podem confiar no futuro de seus filhos . . .

Gloria ao VISCONDE DO RIO BRANCO!

JORGE RODRIGUES.

## Rio Branco e Saraiva

Contra todas as regras que regem as evoluções sociologicas, determinando que seja o progresso a resultante do progresso, e o fim a consequencia dos meios habilmente empregados, apresenta-nos o Brazil um exemplo contradictorio: — a crueldade e a oppressão seguindo-se a um acto humanitario!

Os espiritos adiantados, que viram em 1871 triumphar o projecto-*Rio Branco*,-exultaram de certo, porque iniciava-se a propaganda de uma idéa nobre, que devia transformar em homens livres milhões de creaturas humanas, que haviam sido arrancadas á Africa e convertidas em alimarias de trabalho!

A' liberdade dos nascituros deveria seguir-se a libertação daquelles que, tendo nascido livres, gemiam, contudo, nas gargalheiras da escravidão.

A causa da justiça devia succeder á da Humanidade.

Pensaram elles que, á semelhança de um incendio, que, habilmente localisado, tende a extinguir-se, por falta de elementos combustiveis, a escravidão, circumscripta pelas leis de 1831, e 28 de Setembro de 1871, seria em breve riscada do Brazil, que parece fadado pela Natureza para ser habitado por um povo completamente feliz.

Enganaram-se, porem!

Quatorze annos depois, apezar de preparados os espiritos por uma propaganda energica e constante, devia discutir-se um projecto de lei, que parece propositalmente elaborado para ser a antithese do outro.

O primeiro protege o escravo desde o berço e o segundo persegue-o até o tumulo!

Em Setembro de 1871, Rio Branco conseguia a promulgação da lei que considerava livres os nascituros da mulher escrava; e hoje, em Setembro(!!!)de 1885, tracta-se de converter em lei um projecto que impede a libertação dos sexagenarios.

Um protege a infancia e outro persegue a velhice.

Dir-se-ia que o bando dos oppressores de uma raça inteira, sendo acossado das circumvisinhanças do berço, assenta seus arraiaes nas cercanias do tumulo.

Para Rio Branco os escravos eram homens, que, sujeitos a outras condições de meios, tornar-se-iam cidadãos que poderiam mais tarde concorrer para o engrandecimento d'este paiz; e para Saraiva não passam de automatos aperfeiçoados a que não enfraquecem os rigores do tempo e que são inaccessiveis ás fadigas de um trabalho penoso!

A pelle preta foi considerada pelo primeiro como um accidente, e pelo segundo como o indicio de uma organisação especial, que o eito, o tronco e a athmosphera pestilenta das senzalas não conseguirão abater.

E' o coração que fala em um e o calculo que dicta leis ao outro.

Foi, pois, considerada sob dous pontos de vista diametralmente oppostos a mais importante das questões que se teem aventado no paiz; e, ao contrario do que prescreve a ordem natural das cousas, a solução que se procurou dar ha 14 annos, tem a primasia sôbre a que se discute actualmente.

E' o mais eloquente desmentido, que se pode dar á formula do progresso enunciada por Pelletan:

*«Le monde marche»*

José BRAGA.

---

## Imitação

A nova orientação que a litteratura brasileira segue de algum tempo a esta parte, vai desviando-a do luminoso caminho traçado pelas suas tradicções gloriosas.

O esforço de subir pelo merecimento das concepções proprias; a elaboração progressiva mantida pela propria autonomia, sem auxilio obrigado de posticas bellesas apanhadas em obras de alheios climas; os elementos mais fortes, os mais necessarios aliceces da sua prosperidade, vão sendo esquecidos por um numero não pequeno de batalhadores de quem as lettras patrias esperavam defesa pertinaz e dedicação constante.

O enthusiasmo pelos modelos ameaça sobrepujar tudo e a tudo aniquillar.

Os velhos generaes amestrados vivem, com poucas excepções, retrahidos, silenciosos, num desanimo inexplicavel. Nenhum produz um livro, raros escrevem um artigo para a imprensa. Guardam a illustração, o fructo de longos annos de estudo, de observação e de saber, como os avaros os seus thesouros inuteis...

A nova soldadesca impetuosa, audaz, enthusiastica, achou livre o campo e foi surgindo, animada por suas aspirações nobres e justas, ambiciosa de triumphos, excitada pelas tendencias naturaes da idade, que procura os ardores da lucta, porque fascina-a a doce embriaguez da victoria.

Sem directores mais praticos que estivessem dispostos a encaminhal-os pela melhor vereda, foram trilhando por si novos atalhos. Encontraram um guia facil, mas um guia perigoso por que é, as vezes, traidor: — a imitação.

Imitar! é o verbo animador de uma grande phalange dos nossos escriptores modernos, o lemma consagrado, o IN HOC SIGNO VINCES da maior porção dos nossos poetas, dos nossos romancistas, de alguns criticos talentosos—entre os poucos que temos. Imitar tudo e por tudo e, o que ainda é peior, imitar mal, como fazem muitos delles, sem habilidade, sem geito, esquecendo até, muitas vezes, as simples modificações precisas ao adaptar modas estranhas num meio differente em condições de gosto, de tendencias, de habitos, de adiantamento intellectual...

Uma verdadeira calamidade.

A codificação da nossa republica litteraria, pode-se dizer, sem demasiado exagero, resume-se nisto: — O que a França indica, o que Lisbôa adopta.

Eu estimaria bastante—como um atrazado provinciano que sou—ouvir alguem que me tirasse dessa convicção e me provasse criteriosamente e com sinceras disposições,— que estou labutando em erro.

Nessa especie de anarchia de espiritos, que produz a repressão obrigada da expontaneidade natural da intelligencia, da imaginação,— até a verdade soffre ingratos revézes, a justiça é sacrificada, esquecido o amor proprio, o patriotismo— desprezado.

Applaude-se Zola, exalta-se a MORTE DO PADRE ETERNO, proclamam-se AS BLASPHEMIAS e pouco se fala nos poemas de Magalhães, nos romances de Alencar, morre quasi no olvido Bernardo Guimarães, e não se elevam á altura que merecem os CANTOS de Gonçalves Dias, o poeta glorioso, que soube crear a verdadeira poesia— nacional ... Portugal festeja o conde de Oeiras, aquelle a quem «a Historia para vingar a Justiça levantou um patibulo» e nós vamos, inconscientes, saudar

tambem ao grande despota, que a posteridade amaldiçoou.

—E, no entanto, o centenario de S. Rita Durão passou desapercebido, numa fria indifferença vergonhosa.

Esquecem-se os que imprimem hoje a direcção litteraria do paiz, de que nós já podemos ter alguma vida propria, que devemos tel-a e que só precisamos de um pouco de amor ao estudo e de um pouco de interesse pelo abençoado torrão onde nascemos, para nos emanciparmos desse triste servilismo litterario, que é todo o nosso atraso intellectual, como a escravidão dos negros é todo o nosso atraso social.

As leis da evolução imperam e sobrepujam os obices do carrancismo pelo impulsionar constante dos espiritos cultos, independentes, que—respeitando em parte as tradicções—abrem horisontes largamente luminosos, sem o auxilio exclusivo dos exemplos, das prescripções do estrangeiro.

Cumpre lutar com alguma confiança no proprio valor, para que a inferioridade na luta não traga dezar que amesquinhe.

Eu, quando falo contra a imitação —entenda-se— é contra a imitação À OUTRANCE, sem reservas, sem pudor, de tudo que nos vêm DE FÓRA.

Não desejo censurar aos nossos escriptores por se darem ao trabalho da litteratura reflexo.

A grande expansividade harmonica da civilisação do mundo, torna as litteraturas reflexos umas das outras.

Antes da telegraphia, das estradas de ferro, da imprensa, dos vapores —dizia Lopes de Mendonça—já Corneille e Molliére se tornavam REFLEXOS da litteratura hespanhola: —Marini creava o gongorismo em Hespanha e, pelo contagio, em Portugal; a Inglaterra, a nação original, a patria de Milton, de Shakspeare, com Dryden, Addisson, Pepe e outros—tornou-se tambem reflexo de diversas litteraturas.

Sabe-se perfeitamente que as litteraturas « procuram enriquecer-se em certas origens e procuram se apropriar rapidamente do espirito, da substancia, que as outras nações periodicamente elaboram »— mas, essa influencia deve actuar sobre o talento individual ao ponto de esquecer-se tudo o que de bom, de glorioso, de bello e de sagrado encontrar-se no paiz natal, e aproveitar-se apenas das licções que os europeos exportam?

E' contra esse exclusivismo que clamamos todos nós, os que enxergamos em nossa patria elementos precisos para produzir muita cousa de SEU.

Talvez que esta falta de originalidade, de merecimento proprio, seja a causa dessa decrepitude precoce, que parece ameaçar a nossa litteratura, que ufana podia se ostentar entre as pomposas grandezas triumphaes deste solo bemdito.

Obscuro, desconhecido combatente das ultimas fileiras dessa mocidade, que luta e que ambiciona como ideal suprêmo a elevação da patria querida a altura das primeiras nações do novo mundo, eu levanto o meu brado de alerta aos lutadores mais fortes, para se esforçarem no intuito de salvar do abatimento, que ameaça opprimil-a, a nossa litteratura.

E o primeiro embaraço que a sua restauração encontra e que se precisa remover é, incontestavelmente a — imitação — que vai se accentuando entre nós como um habito inveterado.

Intentem os escriptores laureados, os provectos competentes, o inicio da propaganda benefica.

Podemos confiar desassombrados porque ha no Brazil muitos talentos possantes, que prestarão animador auxilio á obra grandiosa da nossa emancipação intellectual.

« As nações não expiram, quando o genio não morre. . . »

R.

## Os nossos collegas

Apresentamos expressões cordiaes de profundo agradecimento pelas delicadas e immerecidas referencias que á nossa folha dirigiram illustrados collegas da côrte e desta provincia.

*O Paiz*, diario redigido pelo principe do jornalismo brazileiro, por um dos nossos escriptores mais criteriosos e mais circumspectos — Quintino Bocayuva—diz relativamente ao nosso periodico:

« Sob o titulo *O Domingo*, foi distribuido antehontem, em S. João d'El Rei, o primeiro numero de um bem escripto hebdomadario, de que são redactores os Srs. Jorge Rodrigues e José Braga.

Pelo seu programma « será folha exclusivamente litteraria, recreativa, de leitura facil e interessante, que distraia aos seus leitores offerecendo-lhes ao mesmo tempo alguma cousa proveitosa.»

Que cumpra esse programma tão excellentemente como o iniciou, é o que lhe desejamos com os comprimentos que dirigimos á sua redacção. »

Sentimos não dispor de espaço, para transcrevermos tambem o que mais amplamente escreveram a nosso respeito os distinctos collegas do *Arauto de Minas*, o *Pharol*, de Juiz de Fora, *Provinciano* e outros, que nos têm honrado com palavras de grande animação e de fraternal benevolencia.

Fal-o-emos nos seguintes numeros para significar o apreço, que nos merecem os illustres confrades e a gratidão, que nos inspira a recepção benevola dispensada ao modesto *Domingo*.

## Collaboração

Entre os escriptores distinctos, que promettem honrar-nos com a sua collaboração, temos o prazer de annunciar aos nossos leitores, que estão incluidos os drs. Washington Badaró e Constantino Paletta, advogados em Juiz de Fora e que tão laureados foram sempre na imprensa academica de S. Paulo, de onde trouxemos as mais gratas recordações do elevado talento e da brilhante imaginação de ambos.

Accusando o convite, que amistosamente lhe dirigimos, respondeu-nos Washington Badaró com as expressões seguintes, que não resistimos ao desejo de transcrever aqui.

« Eu e meu collega Dr. Constantino Paletta estamos promptos a prestar ao *Domingo* nosso fraco concurso, apezar da exiguidade ou antes nullidade

de merito, que possa doiral-o em face do relevo que a *O Domingo* imprimirá a sua illustrada redacção.

Em nossa provincia, infelizmente, o jornalismo tem se manifestado longe da posição que as forças da instituição poderiam tecer-lhe.

Em alguns orgãos predomina o mercantilismo; em outros a effervescencia politica, sempre apaixonada, por isso mesmo esteril de bons effeitos sociaes.

*A illustração popular*, unico objectivo da imprensa consentaneo com sua natureza, tem sido posta em larga contempção: e, por minha parte, só sei de raros periodicos, que o aspiram, em centros escolares ou academicos, onde menos sensivel seria a inexistencia de orgãos, que tão de perto comprehendessem seu verdadeiro destino.

Por esta razão, jubilo-me por saber que o programma d'*O Domingo* afastou-se da generalidade da imprensa brazileira para cahir em uma singularidade cohonestante—a de collocar-se no caminho da verdadeira representação do espirito popular, cultivando-o, conduzindo-o, injectando-lhe rectidão e energia, mediante irrigações de justiça e bom senso.

Estou, portanto, com o meu collega, aos serviços d'*O Domingo* e procuraremos — nós ambos — não deixar morrer a boa vontade, que nos infiltra a tendencia promissora do novo jornalmineiro.

De V. etc. — *Washington Badaró.* »

---

De um dos nossos mais distinctos collaboradores, tão illustrado quanto modesto, recebemos a delicada traducção da bellissima poesia de Sully—Proudhomme, que em seguida publicamos.

Agradecendo a amabilidade da offerta, esperamos merecer do despretencioso *S.* a continuação do grande auxilio de seu luminoso talento e de seu estro brilhante e feliz.

---

(De Sully—Proudhomme)

—

Labios que queiram se unir.
A força d'arte e constancia,
Té contra o tempo e a distancia,
Podem sempre o conseguir.

Sempre se abrem estradas:
Aguas, montes, ermos cedem,
As jornadas se succedem,
E as horas chegam contadas.

Mas o que retarda o exilio
Mais que a agua, a rocha, a areia,
E' um fortissimo impecilho,
Delgado qual uma teia.

E' a honra: não ha trama
E esforço que a vençam, não,
Porque oppõe ao coração
O que elle d'ella reclama.

Bem sabeis si ella é exigente,
Pobres pares d'alma altiva,
Que o horror da macula priva
Da ventura unicamente.

Com o abysmo face a face,
No fundo d'alma cumpris,
Como grade que o vedasse,
As ordens d'esse juiz.

Que martyrio é o vosso, amantes
Peregrinos: quanto mais
Os corações conchegais,
Mais elles se [illegible] distantes.!

Quanta vez [illegible] rugindo
Sob um des[illegible] glacial,
O desespero, servindo
Na mascaragem social!

E quanto grito contido!
Quanto soluço cortado!
Na indifferença envolvido,
Quanto heroismo ignorado!

Ao mais impune transporte
Preferis lucto sublime,
E vossos labios, no crime
Nem pode uni-los a morte.

S.

---

## Através da politica

—

Gostei de vêr o Sr. Cotegipe na sessão de 22 lembrar que a discussão da prorogativa do orçamento divia ir até quatro horas da tarde.

O provecto estadista comprehendeu que os seus velhos companheiros não querem entrar em ferias sem papaguear um pouco e um pouco mais á vontade.

E' natural, de resto. D'aqui a pouco interrompe-se-lhe o gozo d'aquelle lugarzinho confortavel e vitalicio e, durante uns mezes, os encanecidos representantes da escolha . . . imperial, não acharão facilmente um lugarsinho curul e commodo para ajustarem contas, uns com os outros, para deitarem queixumes, verberarem adversarios e manterem, de vez em quando, dous dedos de prosa cordial e chã a respeito de alta politica . . . local.

Nesse mesmo dia e lugar queixou-se tambem o Sr. Dantas das desordens que perturbam o socego publico e bahiano da terra de S. Ex., pimentas e vatapás respectivos.

Ha ameaças de vida e a « hydra da reacção » faz, acontece, mata, esfola. . »

E' possivel que não se realise positivamente uma hecatombe, mas, o Sr. Cotegipe prometteu tomar providencias.

Comprehende-se, — a Providencia dos officios, e telegrammas— ahi está prompta para tudo, e mais alguma cousa que fôr mister.

— Quando entrou em terceira discussão o projecto da extincção gradual do elemento servil, pedio a palavra o presidente do conselho. Isto sorprehendeu algum tanto.

O governo, que via silencioso e quedo as mais rijas estocadas vibradas contra o inditoso, que perfilhára misericordiosamente; o governo, que, dirigido pelo espirito eminentemente brilhante e trocista do Sr. Cotegipe, resolvera oppôr á torrente impetuosa e forte da mais valorosa opposição apenas as contestações especulativas do Sr. Prado; o governo, que acceitara para o « monstro » a victoria que prejudicaria o parlamento brasileiro no conceito dos estrangeiros que acompanharam a questão,—ia dizer, julgou nessessario dizer mais alguma couza!

Effectivamente, era para sorprehender.

Agora, nós, que nos impuzemos a obrigação de apreciar os politicos com imparcialidade, apenas com um interesse muito mediato em tudo isso, temos de declarar ao Sr. presidente do conselho — aliás um valente tribuno e um habil argumentador, — que não combateu minuciosamente, nem com vantagem, a argumentação poderosa dos precedentes oradores, contrarios

ao tal projecto e que o feriram de frente, tirando-lhe a força, deixando-lhe somente a vida ephemera, ficticia, mantida por magico phenomeno de certos conluios reprovaveis . . .

O honrado ministro tocou muito a esforço, sobre um ou outro ponto do que disseram seus adversarios, quando elles analysaram com uma elevação de vistas, com uma firmeza de convicção, que bem merecia da parte de S. Ex. uma resposta mais ampla, mais forte na defeza, mais elevada nos conceitos, mais satisfactoria nas razões adduzidas.

E' que não se torna mui facil a sustentação de um projecto que substancia um ataque á Liberdade, um exemplo deshumano de aversão ao altruismo, um desamor criminoso á causa sublime e santa da Redempção.

O sr. Cotegipe empregou todos os recursos valiosos de sua grande habilidade diplomatica, de sua tactica parlamentar, tergiversou nuns pontos, noutros resvalou, e concluio aquella replica por atacado, *pedindo* como necessaria uma approvação, que . . . já possuia a certeza de obter.

A *combinação* hade surtir o seo effeito.

—A camara baixa ja está no goso da . . . dissolução. Ha que tempo não se reunem os illustres representantes!

Grande numero d'elles já demandou as plagas nataes. Cuidar na vida . . . que a eleição é certa.

G.

## Na rua e em casa.

O homem, por menos dissimulado que seja, tem duas phisionomias perfeitamente distinctas, dous traços caracteristicos que difficilmente admittiriamos reunidos em um mesmo individuo, si a isso não nos obrigasse a irresistivel logica dos factos. Na rua, na convivencia com estranhos, sentindo-se observado pelos cem olhos do Argus social, o homem é amavel, attencioso; tem a palavra sempre prompta para elogiar a indifferentes ou para lamentar a morte de um individuo de que ouve falar pela primeira vez ou de quem o afastava invencivel antipathia.

Em casa, como si o transformasse rapidamente a VARINHA de alguma fada malfazeja, torna-se grosseiro, intractavel; nega elogios a quem os merece e emitte muitas vezes a respeito de um morto opiniões que, divulgadas, modificariam radicalmente o systhema pelo qual se fazem as biographias em nosso paiz.

O homem na rua é a antithese do homem em casa. Si na rua recebe affavelmente aos portadores de subscripções, em casa detesta-os, chama-os de ladrões e diz que seria capaz de enforcal-os um por um sem a minima parcella de compaixão.

Si dá esmolas na rua, nega-as em casa abertamente, clamando contra a pobreza que o empobrece.

Bom pai de familia nas RODAS que frequenta, falando da esposa como de um anjo, narrando a sorrir as diabruras dos pequenos; e em casa censurando com aspereza a mais insignificante das faltas da consorte e gritando contra os filhos que o atormentam com suas travessuras; tal se mostra um individuo n'um mesmo dia, muitas vezes com um pequeno intervallo de uma disposição de espirito à outra!

Catholico ou protestante, crente ou sceptico em face dos homens, tem em casa outra religião, outras ideias completamente differentes das que expendeu e sustentou EXTRA MUROS.

D'esses factos è que o vulgo, esse observador que raras vezes se engana, tirou a seguinte phrase que oppõe a elogios feitos a homens cujos defeitos desapparecem occultos pelas boas qualidades de que sabem aureolar seu nome:

MORA COM ELLE!

B.

## Pleno dominio

Todo o espaço que minh'alma abria
ás scismas, no delirio, a claridade
dos ideaes da feiticeira idade
onde se espraia a doida phantazia;

todo esse espaço enorme onde vivia
a aspiração de glorias, a vontade
de subir, triumphar — e onde cabia
todo o sonhar feliz da mocidade,

sinto pequeno e estreito, e suffocante,
para os fortes ardores da expansão
do meu amor audaz, febricitante...

E ella . . . os impetos doma da paixão
porque receia — o timido gigante—
despedaçar-me o peito e o coração..,

JORGE RODRIGUES.

## MULHER!...

(ROMANCE Á LA MINUTE)

I

E se de todo não quizeres esposar-me, Luiz, suicido-me, ouviste? Porque eu te amo, querido, amo-te com todas as forças de minh'alma . . .

— Juras-m'o?

— Pela santa memoria de minha mãi . . .

Acreditas?

— E poderia ainda duvidar?

II

Corria o baile.

Os walsistas deliravam. Tocava ao auge o enthusiasmo, com todos os seus caprichos, com todas as suas loucuras.

Na walsa:

— Ainda?

— Sempre! respondeu ella, apaixonada e tremula.

Elle sorrio satisfeito, e partio.

III

Aquella noite sonhou com o céo.

O luar beijava as areias prateadas. O mar exalava na praia languidos queixumes.

Ella esperava-o ahi.

Alvo roupão cobria-lhe as formas voluptuosas.

Pela abertura do corpinho beijava-lhe indiscretamente um raio do luar os seios palpitantes.

Deram-se as mãos.

—Ainda? repetio elle, quasi ebrio de goso.

— Eternamente!.. respondeu ella. E lançou-lhe um olhar profundo amoroso... mais terno que os raios do luar...

Trocaram confidencias.

As ondas gemiam na praia, languorosamente...

IV

Fugia o tempo.

Os dias corriam rapidos, rapidos...

V

Lá se foram dous mezes.

Outro baile.

Muita luz. Alegrias ineffaveis e grandes contentamentos.

Cessára o *cotillon*.

Encontraram-se.

Ainda? perguntou o amante. Tremia-lhe de commoção a voz... Agora, a felicidade, ia proseguindo...

Ella interrompeu.

—Apresento-lhe meu marido, o commendador Ambrosio.

VI

*Souvent... la femme varie...*

C.

## LAMBREQUINS

Foram uma vez ler a Piron uma tragedia onde abundavam versos apanhados aqui e ali.

A cada trecho ou verso roubado, Piron tirava o chapeu, e teve de repetir esse movimento muitas vezes.

O autor da tragedia, sorprehendido por este gesto tão repetido, inquiriu-lhe a razão.

—E' que tenho por costume comprimentar os conhecidos.

—

Duclos tinha uma alta estima pela sua profissão de escriptor.

A proposito d'uma senhora, que tratava com desdem os homens de letras, pronunciou esta phrase esmagadora:

—Elles tem mèdo de nós, como os ladrões tem medo da luz.

A'cerca do abbade Olivet, de quem elle não gostava, disse um dia:

—E'um tolo, sou eu que o digo, e é elle quem o prova.

Um moço poeta apresenta-se a Piron para saber a qual de dois sonetos, que acabara de compor, o autor da *Metromanie* dava a preferencia.

Leu um.

Sem querer ouvir mais, Piron exclamou:

—Gosto mais do outro.

—

## Autor e editor

*O autor*:—Meu caro editor, com bastante acanhamento, é verdade, mas, não posso deixar de lembrar-vos que o meu ultimo livro de versos ainda não foi pago, e...

*O editor*.—Meu caro autor, é que o sr. não se lembra que elle era impagavel!

—

A riqueza sem amor é mais triste que a miseria; a insensibilidade de coração neutraliza a doçura do goso.

## RECADOS

Sr. José Severiano de Rezende—Lemos sua carta e seu soneto e, confessamos, não gostámos da carta.

Sr. Frederico Salgado (Barbacena.) Si fosse para este numero, só Deus sabe o prazer com que o receberiamos; mas que remedio senão sujeitarmo-nos á crueldade de suas resoluções?

Sr. Agenor M.—Zangou-se? Fez mal, porque não tivemos intenção de offendel-o.

Tome lá mais este conselho, que não lhe custa nada:

Sujeite-se á critica, que ella lhe ha de dar melhores resultados do que os elogios de seus amigos.

Sr. Juno d'Alga—Recebemos seu soneto—Pagina intima—que não podemos publicar, porque... (desculpe-nos!) está incorrecto. No 1º. quarteto diz o Sr.:

*A pallidez eburnea, a febre ardente*
*Que o rosto te conturba, exprimem dor*

Parece-nos que um rosto *conturbado por uma febre ardente* não pode apresentar uma pallidez eburnea.

No 2º., encontramos o verso:

*N'este teu RELUTAR C'O desamar*

que offende a grammatica e.... não vem ao caso.

O verso:

*Como todo o meu intimo experimenta*

é um protesto contra os hendecasyllabos.

O senhor é intelligente, tem inspiração. Estude e trabalhe.

Sr. Dr. B. Cavalcante—Jornalsinho de oito paginas! Um modo de falar, pois não? Em todo o caso—mil graças.

## MUSAS RISONHAS

LILI

(A José Braga)

*Conheces? Vais julgal-a agora uma heroina...*
*Enganas-te a Lili não sabe o que é PROEZA,*
*Mas, em compensação, a boa da menina*
*Bem sabe a adoração que presta-se á belleza...*

*E deita faceirice.—A face é mui corada*
*E fresca. O seu olhar—sombrio e petulante,*
*As formas—sensuaes, TOURNURE delicada*
*E luz—mas, muita luz—no olhar febricitante.*

*Na voz—a vibração melliflua dos arpejos...*
*—Sentindo em revoada um bando de desejos*
*Da sua trança o aroma embriagante eu colho...*

*No riso—uma expressão que prende, fascinando,*
*Mas, ai! Lili...que horror!—se a visses almoçando...*
*—Devora um frango inteiro e gosta de—repolho!*

Romeu ALEGRE.

A noite se adiantava . . . Despediam-se.

IV

No gallinheiro do major X. pa[i] d'ella, as gallinhas e os frangos desappareciam aos poucos.

— Os ladrões! os ladrões d'esta terra! Isto vai mal, bradou raivoso o velho millitar.

Toda a noite levam-me um sortimento, obtemperou a *majora*. Ainda hontem, aquella pedrez, que . . .

— Mas, hoje, hoje hão de vêr, os patifes . . . interrompeu ameaçador o valente official . . .

V

A'noite, no jardim.

Um sussurro de vozes vai se espalhando nos ares, como ciciar de brisa fugitiva em franças de palmeira agreste.

— Meu anjo, de dia em dia o meu amor augmenta, recrudesce-me a paixão terrivel . . . e este anceio mata-me aos poucos.

— Ah! e eu . . . se tu soubesses! Já vivo tão triste . . . tanto!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

— Adeus, querida.

— Arthur, adeus! . . .

Suspiraram juntos, e separaram-se.

VI

No gallinheiro começa um ruido surdo.

O major vai de manso.

Ao clarão dubio das estrellas, observa que um vulto suspeito amarra a um páo o *resto* dos granivoros, que o susto, por certo, emmudecera . . .

O major foi se esgueirando por detraz do gatuno.

— Péga!

Dous negros surgem e amarram a raposa de nova especie.

VII

Grande alvoroço.

Entram todos em casa. A majora vem assustada. A filha apparece tremula.

— Peguei-o! exclama triumphante o bravo militar! peguei o *bicho*!

Vem luz.

Aproxima-se a mãi, depois a filha...

O larapio cora... empallidece... abaixa os olhos... confunde-se!

— Ah! . . . geme a pobre mocinha, desmaiando.

VIII

O larapio era *elle*.

C.

---

## LAMBREQUINS

NUM TRIBUNAL

— A testemunha sabe dizer como começou a desordem?

— Foi assim, Sr. juiz: o réo gritava: — sucia de imbecis, canalhas . . .

— Advirto a testemunha, que deve dirigir-se aos Srs jurados.

—

As francezas têm o olhar mais bonito do que os olhos, o sorriso mais gracioso do que a bocca, o gesto mais elegante do que a mão.

—

Uma taboleta:

Pereira dentista extrahe raizes com perfeição e dentes.

—

— Francisco, procure o chapeu deste senhor.

— Espera . . . encontrei-o. Como demonio cahio elle atraz do reposteiro! Previne o creado que não procure mais.

— Deixal-o. Se por acaso o encontrar fico com dous.

—

—Lê-se este artigo no regulamento de um cemiterio municipal:

« Sem previa licença das autoridades não serão sepultados no cemiterio defuntos residentes em outros municipios. »

—

Escrevi um artigo originalissimo, sobre asumpto que ainda ninguem se lembrou de escrever, nem lembrará! . . .

— Então já sei: é o teu elogio.

---

## CORRESPONDENCIA

SR. LOPES DE AGUIAR.—Pela modestia de sua carta e pelo seu soneto *Nupcias* percebe-se que o Sr. tem talento. Entretanto, a sua producção apresenta muitos defeitos, como é natural, desde que é a primeira, conforme o Sr. diz. Pois que exige o nosso juizo, ahi vai com toda a franqueza da sinceridade. Assim lhe seja elle de algum proveito.

Comecemos pela primeira quadra.

*Nas dobras fofas de teu véo gentil*
*Pallida noiva, divinal e mesta*

O Sr. faz ahi ponto e não conclue o arranjo grammatical do periodo.

Nas dobras fofas do véo gentil da pallida noiva o que ha, afinal de contas? Ficamos por saber e, no entanto, é preciso que o Sr. nos diga.

O 3°. verso:

*Em tua candida fronte honesta*

está chôcho, alem de incorrecto.

No 4°.

*Brilha a grinalda de jasmins de Abril*

achamos uma cousa exquesita. E' sabido que as noivas levam na fronte flôres de laranjeira e não podemos acreditar que para o Sr. Lopes flores de laranjeira sejam o mesmo que jasmins de Abril.

Na 2ª quadra:

*As borboletas voltejando ás mil,*
*Tornam mais bella do noivado a festa.*

Mas, então porque magica, Sr. Lopes, por que artes do demo a noiva conseguio que as borboletas viessem ás mil assistir-lhe ao casorio, talvez mesmo que sem o convite respectivo? Seria um epigramma da natureza?

Ou foi paranympho o Herman prestidigitador, que quiz deitar uma sorte para dar á festa um novo encanto? Porque o Sr. não pode negar que isto é uma novidade, tomar parte em festim de nupcias uma sucia de borboletas vadias, que haviam de estar alli a desmanchar o penteado das convidadas faceiras.

O terceiro verso tem um

*. . jovial e lesta,*

que não sôa nada bem aos ouvidos.

E o quarto apresenta um *céo de anil* — que está no rol dos *clichés* abandonados pela escola moderna.

O primeiro terceto começa :

*E' noite a sala, illuminada, altiva . . .*

Sala altiva ? Achamos que é levar muito longe a altivez. Que diz ? E no segundo verso lemos :

*Onde a turba que se faz captiva,*

que não é positivamente o que se diz um — hendecassylabo.

Segundo terceto :

*Talvez não saibas que te fito ardente*
*Olhares rubros de paixão fremente*
*Que incendio enorme de meu peito indica*

Ora o Lopes... perdão ! queriamos dizer: ora Sr. Lopes, que idéa a gente fica fazendo ao ler este terceto ? O poeta pegando fogo por dentro e as chammas rubras a lhe sahirem pelos olhos fóra. Terrivel ! Terrivel e satanico.

Uma cousa infernal esta de olhares rubros indicando incendios, não concorda o amigo ?

Afóra os defeitos, que apontamos, o seu soneto não deixa de mostrar que o Sr. tem imaginação e pode vir a ser um poeta notavel. E' estudar. Compre um livro de metrificação, uma bôa grammatica, leia bons poetas.

E procure-nos : a sua modestia — cousa hoje tão rara entre os máos poetas — nos faz crer que o Sr. pode adiantar-se facilmente e distinguir-se. Não ha nada que embarace mais os alargamentos da intelligencia, que neutralise as mais decididas vocações e destrua os mais fortes merecimentos, do que o orgulho desbragado, a pretenção ridicula.

Seja modesto e trabalhe, que pode subir.

SR. V. AYROSA — S. Paulo. Affirmamos ao collega que o seu sympathico jornal foi um dos primeiros lembrados na remessa. Sentimos que não recebesse. Foi 2ª via. Acceite mil agradecimentos pela amabilidade de suas expressões no bilhete postal de 25.

SR. JUNO D'ALGA. Agradecemos a delicadesa das palavras que nos dirigio, e estimamos que acceitasse os nossos conselhos.

## Sobre a meza

*A Semana*, de 26 de Setembro. Um summario variadissimo. Magnificos artigos litterarios. Uns *madrigaes* encantadores de Filinto d'Almeida.

*Monitor Sul Mineiro* — O numero 767, de 27 de Setembro E' incontestavelmente o jornal mais variado e mais interessante da provincia.

*Provinciano*, um dos melhores jornaes da provincia do Rio.

*Constitucional*, nº. 3. Orgam academico, de S. Paulo. Não accusa a recepção d'O *Domingo*. Receberia ? Traz bons artigos de propaganda conservadora . . . um jornal de moços ! E' admiravel.

*A Onda, Orgam do centro abolicionista academico*, d'aquella mesma capital. Redactor — chefe, o illustre poeta Enéas Galvão. Apreciabilissimo na fórma e no fundo.

*Gazeta de Taubaté*. Bem escripto. Muito amavel comnosco, o digno collega A. Garcia. Obrigadissimos.

*Gazeta Sul-Mineira*. — O que se diz um bom jornal do interior.

*Diario Liberal*, de S. Paulo. Politica a valer. Protestos contra a *reacção*. Sarabandas vermelhas nos *Cascudos* — e redigido com muito talento.

*O Parahyba*, da Parahyba do Sul, ns. 67 e 68. Periodico apreciavel por muitos titulos.

*O Semanario*, de Lorena. *O Pirapitinga*. *Liberal Mineiro*, conceituosa folha politica de Ouro Preto.

*Arauto de Minas*, nosso conterraneo, intelligentemente redigido por Severiano de Resende.

*Gazeta Mineira*, tambem da terra, n. 121. Abundante noticiario, *Mundo politico*, uma interessante *ballada* em *prosa*, de Alphonse Daudet.

*O Timburibá*, de Rezende, n. 40.

Bem escripto, muito variado, redigido com muito gosto.

## Morte no tempo

*Casimiro de Abreu*, — *Patota*, *Topada* e *Aroma* são as decifrações das *mortices* do domingo passado.

Choveram decifrações desta vez, e, entretanto, só duas exactas — dos Srs. João Gonçalves Coelho e Coronel Antonio J. Barbosa de Andrade. Coube o premio ao Sr. Coelho, por ser o primeiro.

O Sr. Francisco Honorio, com certeza anda fazendo cerimonia comnosco ! Desta vez ainda não quiz decifrar a 3ª. charada !

O Sr. professor João Maciel não decifrou tambem a 3ª.

Os Srs. Dr. Lustosa e Olivier decifraram apenas o logogripho e a 2ª. telegraphica.

LOGOGRYPHO
(POR LETRAS)

Um homem — 23—18—13—14—15
Uma mulher — 7—22—21—22
Um homem — 19—22—23—17—18—7
Uma mulher — 16—18—7—12—2—16—22
Um homem — 4—3—10—8—6—7
Uma mulher — 7—3—10—11—18—23—12
Um homem — 19—22—23—1—14—15—7
Falta agora acrescentar :
Sou proloquio popular.

CHARADAS

EM QUADRO

No jogo sou traidôr
Embora não valha nada
mas em terra cultivada
me persegue o caçadôr

TELEGRAPHICAS :

Poeira é incommodo ? — 3
Cará é jogo ? — 2
Tatu é bicho ? — 2

NOVISSIMAS

O homem da igreja está na igreja — 1 — 2
Olha ali a negra do Marquez — 1 — 1 — 2

Ao primeiro decifrador exacto offereço as *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo

TONG KONG SING.

# O DOMINGO

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade e Redacção de Jorge Rodrigues e José Braga

## Preço da assignatura:

Para a cidade--6$ por anno; 3$--- por semestre.
Para fóra só se acceitam assignaturas por anno--6$.
Numero avulso 200 reis.

A typographia d'O DOMINGO, dispondo de um material novo e escolhido propõe-se a fazer qualquer trabalho avulso com promptidão, nitidez e modicidade de preços.

Escriptorio, administração e officinas

54-RUA DO DUQUE DE CAXIAS-54